

O percurso de Virgílio Ferreira, permite-nos afirmar estarmos em presença de um dos mais rigorosos fotógrafos nacionais na área do retrato. Contudo, nesta série, “Daily Pilgrins”, o autor decidiu quebrar as regras académicas da iluminação e composição tradicionais daquele território fotográfico, para nos fazer mergulhar num ambiente bem mais obscuro, que nos obriga a uma análise transcendente aos paradigmas comuns da imagem fotográfica. Aparentando retratos, estas fotografias ultrapassam essa forma de representação, constituindo um desafio e uma provocação para o observador. Como é sabido, a fotografia não teve o engenho de criar uma terminologia própria do meio, tornando-se herdeira do vocabulário da pintura: retrato, natureza morta, paisagem, etc. Como classificar então estas imagens? Aproximando-se, efectivamente, daquilo a que usualmente apelidamos de retrato, estas imagens negam-nos uma identidade objectiva, onde a única marca possível de reconhecimento é a fisionomia asiática dos seus protagonistas. Para mim, torna-se particularmente enigmática, a fotografia que exhibe um retrato pintado sobre o plano de fundo, e o personagem surge como uma figura fantasmagórica, criando uma perspectiva invertida de um duplo. Estas imagens inscrevem-se, com perfeição, num quadro de contemporaneidade fotográfica, não apenas por colocarem em causa a objectividade do dispositivo fotográfico (desfoque), mas também pela inclusão de normativos actualmente característicos do meio, como sejam a ambiguidade e a metáfora. O tempo destas imagens é dúbio. Podemos estar perante o amanhecer ou o anoitecer, o que nos convoca para diferentes interpretações. Algumas das personagens presentes podem assemelhar-se a figuras de porcelana, cuja fragilidade navega na noite de uma grande metrópole, onde a identidade se confunde com tantas outras do mundo globalizado. No seu conjunto, estas fotografias podem-nos remeter para um universo onírico, numa espécie de viagem ao subconsciente. Daí, a sua enorme potencialidade interpretativa, para a qual se convida cada espectador a criar a sua própria história.

Rui Prata, Dezembro de 2009